

PAPÉIS E LIDERANÇA

Papéis pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o *eu* adota . “(...) O papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações pelo que o homem passou (por exemplo: o corredor, o pai, o piloto de avião)”Moreno-Psicodrama Cultrix- pag.208.

Alfredo Naffah Neto enfatiza o caráter do papel estar a serviço da alienação. O *eu* necessita do papel para que possa se expressar. O papel carrega uma infinita carga de regras sociais de dada cultura.

Para cada papel que o homem desempenha existe um contrapapel ou papel complementar. Sendo assim, um filho pressupõe uma mãe; um terapeuta um cliente.

Da mesma forma como ocorre num sistema familiar, institucional, ou social, também um grupo terapêutico comporta-se como uma estrutura na qual há um distribuição complementar de papéis e posições. Podemos dizer que em cada papel se condensam as expectativas, necessidades e crenças irracionais de cada um e que compõem a fantasia básica inconsciente comum ao grupo todo.

Em qualquer grupo há um permanente jogo de criação de papéis, sendo que um seguro indicador de que está havendo uma boa evolução grupal é quando os papéis deixam de ser fixos e estereotipados e adquirem platicidade. À medida que os papéis forem sendo reconhecidos, assumidos e modificados, os indivíduos vão adquirindo um senso de sua própria identidade, assim como uma diferenciação com os demais.

A experiência clínica comprova que, ao longo da evolução de um grupo, os papéis que mais comumente costumam ser adjudicados e assumidos pelos seus membros costumam ser os seguintes: (segundo David Zimerman)

- Bode expiatório: neste caso, toda a “maldade do grupo fica depositada em um indivíduo que, se tiver uma tendência prévia, servirá como depositário, até vir a ser expulso, o que, aliás, é comum. Outras vezes, o grupo modela um bode expiatório sob a forma de um “bobo da corte”. Na família é o “paciente identificado” de acordo com a teoria sistêmica.
- Porta –voz: cabe ao portador deste papel mostrar mais manifestamente aquilo que o restante do grupo pode estar, latentemente, pensando ou sentindo. A

comunicação pode ser feita através de protestos, verbalizações ou também via silêncio, atuação.

- Radar: este papel cabe geralmente ao indivíduo mais regressivo do grupo. Este indivíduo capta os primeiros sinais de ansiedades que, ainda em estado inconsciente, estão começando a emergir no grupo. É conhecido como “caixa de ressonância”.
- Instigador: consiste na função do indivíduo em provocar uma perturbação no campo grupal, através de um jogo de intrigas.
- Atuador pelos demais: é uma modalidade de papel que consiste no fato de a totalidade do grupo delegar a um determinado indivíduo a função de executar aquilo que lhes é proibido. Em tais casos, o restante do grupo costuma emitir dupla mensagem: a crítica e o gozo prazeroso.
- Sabotador: o paciente que desempenha o papel de sabotador, através de inúmeros recursos resistenciais, procura obstaculizar o andamento da tarefa grupal.
- Vestal: da mesma forma como é regra nas instituições, também nos pequenos grupos é muito comum que alguém assuma o papel de zelar pela manutenção de “moral e dos bons costumes”. É chamado o “patrulheiro ideológico”. É comum ser assumido pelo próprio terapeuta.
- Líder: surge espontaneamente entre os membros do grupo. A liderança adquire matizes muito diferenciadas, desde os líderes construtivos que exercem o importante papel de integradores e de construtores, até os líderes negativos, nos quais prevalece um excessivo narcisismo destrutivo.

A função e a natureza da liderança exigem maiores detalhes. Estritamente sob o ponto de vista da psicologia psicanalítica, o estudo das lideranças se fundamenta em três vertentes: Freud, Bion e Pichon Rivièrè.

Freud:

- Líder carismático: corresponde a uma fase evolutiva muito regressiva, de natureza narcisista-simbiótica, em que ainda não se processou a diferenciação entre o eu e o outro.
- O modelo religioso : decorre do fenómeno de identificação introjetiva.
- A liderança como protótipo das forças armadas (autoridade): decorre da identificação projetiva.

Freud considerava o grupo como um emergente do líder.

Bion:

- Qualquer grupo tem uma necessidade implícita de que sempre haja uma liderança.
- O líder é um emergente do grupo. Assim a liderança pode ser a manifestação de um sintoma.

Dentro da conceituação de “Supostos básicos”:

- Dependência: o líder é de natureza carismática.
- Luta e fuga: o líder tem características paranóides.
- Acasalamento: o líder é alguma pessoa possuidora de características messiânicas.

Pichon Revière:

- Autocrático: pessoas de características obsessivo-narcisísticas.
- Democrático: implica uma hierarquia com definições de papéis e funções.
- Laissez-faire: atuações de lideranças.
- Demagógica: o líder costuma ter uma caracterologia do tipo “falso self.”

Poderia acrescentar um quinto tipo:

- Narcisista: vai desde suave sedução até reações mais carismáticas.

Também podemos entender a complementariedade dos papéis em um grupo, a partir da concepção em que todo o indivíduo se comporta de forma alternada como representante das pulsões do Id, representante das funções e capacidades do Ego, bem como das características e proibições do Superego.

Nos grupos diagnósticos, Pavlovsky (1975) observou os seguintes papéis, onde havia um processo de identificação entre terapeuta-paciente, em uma instituição de saúde mental:

Papel de paciente exigente	Papel de terapeuta exigido
Papel de paciente que recebe pouco	Terapeuta deficiente por pertencer a uma instituição

Decherf (1986) descreve dentro dos fenômenos grupais a busca de um líder como primeira tarefa do grupo. Trata-se de uma obra coletiva, resultando ao mesmo tempo do desejo de um participante de se afirmar e de dominar, e da necessidade dos outros de aceitarem uma submissão, mesmo que o contestem.

O líder, por seu papel de organizador, transforma a situação inicial de não-diretividade numa situação diretiva. Existe uma cumplicidade inconsciente entre os membros do grupo que favorece a ascensão de um líder.

A transferência é deslocada para o líder.

O líder ligado a uma tarefa consiste na canalização da energia e da agressividade para um ideal comum, diminuindo a ansiedade.

Pode-se detectar três tipos de líder:

- O líder de tipo megalomaniaco: temor e fascinação. O líder com esta característica funciona habitualmente num registro de onipotência com base numa estrutura paranóico ou psicopática. Este tipo de líder parece-nos possuir

um parentesco distante com o chefe da horda primitiva. Por trás da onipotência exibida pelo líder de tipo megalomaniaco encontra-se a depressão.

- O líder edipiano: admiração, domínio e sedução. Ele se dirige muito mais à organização genital do que a pré-organização genital. Lida mais pelo processo secundário do que ao primário. O líder do tipo edipiano, mesmo possuindo um ego mais forte, não provocará uma adesão tão absoluta dos indivíduos que o seguem, na medida em que se dirige a níveis de evolução libidinal em si mais elevados.
- O líder herói: Esse tipo de líder aparece em número reduzido de grupos. O herói é o primeiro ideal do ego tendendo a assim assumir o lugar do pai. Permite a realização de desejos idealizados de onipotência. Ele se torna uma figura ideal de líder.

A busca de um líder é um mecanismo suscetível de reduzir a tensão e a ansiedade induzida pela situação de grupo . Existe uma cumplicidade entre os membros do grupo e o líder que os conduz ao encontro de seus desejos inconscientes.

- A busca de um bode-expiatório: em todos os grupos aparece um membro **saco – de- pancada**, canalizando para si a agressividade de um modo contínuo ou descontínuo, denominado de ”bode-expiatório”. Este será o suporte, através de um duplo mecanismo de *deslocamento* e de *projeção*, de todos os “maus” sentimentos, de toda a culpa e da agressividade de seus colegas. O bode expiatório está inconscientemente pronto aceitar essa situação, e se torna mais ou menos cúmplice da perseguição organizada contra ele.

Jorge Ponciano, em seu livro Gestalt-terapia fala de dois papéis importantes no grupo, o “bode-expiatório” e do historiador. Eles acusam algo errado e lembram algo bom do grupo.

BIBLIOGRAFIA

DECHERF, Gerard. (1986). Édipo em Grupo. Artes Médicas. Porto Alegre

ZIMERMAN, David (1993). Fundamentos Básicos das Grupoterapias. Artes Médicas. Porto Alegre.

PAVLOVSK, Eduardo e outros. (1975). Psicodrama psicanalítico en grupos. Ediciones Kargieman. Buenos Aires.

PONCIANO, Jorge. () Gestalt-terapia

Cadernos de Psicodrama. Psicodrama nas Instituições.Ágora